

# Mais de metade das gestantes relegaram atendimento hospitalar

*Notícias, Ciência, Ambiente e Tecnologia, 11.09.2021, pág. 18, Ed. nº 31.400*

A MAIORIA dos nados-mortos e mortes neonatais, registados em 2019, foi precedida por gravidezes e complicações que começaram em casa, sendo que mais de metade das gestantes não procuraram atendimento hospitalar.

A informação foi revelada por Gilberto Nhapuro, demógrafo no Instituto Nacional de Estatística (INE), nas XVII Jornadas Nacionais de Saúde, no tema sobre os factores sociais da mortalidade em menores de cinco anos em Moçambique.

O demógrafo disse que um total de 276 nados-mortos, 336 óbitos neonatais e 696 mortes de crianças de um a 59 meses de vida foi

confirmado em 2019, durante entrevistas de autópsia verbal e social (VASA).

“Melhorar as intervenções preventivas durante a gravidez, nomeadamente o número recomendado de cuidados pré-natais, procura imediata de serviços e sua qualidade, ajuda a trazer bons resultados da gravidez”, afirmou.

Apontou que a identificação dos factores biológicos e sociais que afectam a probabilidade de sobrevivência infantil é fundamental para reduzir as taxas de mortalidade de menores de cinco anos em 25 ou menos mortes por cada 1000 nados-vivos, até 2030.

Acrescentou que o diag-

nóstico precoce e encaminhamento de mulheres com complicações obstétricas, o reconhecimento pelas mães de doenças neonatais e busca de cuidados antes que a criança fique gravemente doente são necessários para acelerar a redução da mortalidade infantil.

Os dados do Sistema de Vigilância de Eventos Vitais e Causas de Morte (COMSA) de 2000 a 2018 indicam que as taxas de mortalidade de menores de cinco anos em Moçambique caíram de 171 para 73 mortes por 1000 nascidos vivos.

Nhapuro avançou que a maioria dos óbitos em nados-mortos, neonatais, crianças e seus parentes vi-

via em agregados familiares com condições socioeconómicas precárias, ou seja, sem condições básicas.

Sublinhou que cerca de 83 a 91 por cento dos nados-mortos, mortes neonatais e de crianças, com idades entre um a 59 meses, não tinham acesso à electricidade.

Outros 91 a 96 por cento dos entrevistados não tinham água potável e 92 a 96 careciam de saneamento básico.

Ainda segundo Gilberto Nhapuro, as idades médias das mães variam entre 24 e 25, sendo que mais de uma em cada cinco não tinha nenhum nível de escolarização.